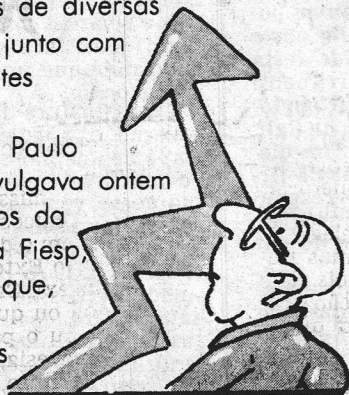
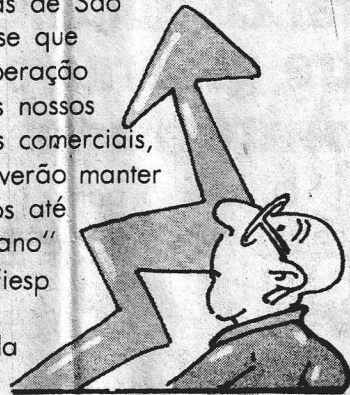


Enquanto a retomada do crescimento econômico era debatida — e defendida — por economistas e empresários de diversas tendências, junto com representantes sindicais, o empresário Paulo Francini divulgava ontem os resultados da pesquisa da Fiesp, mostrando que, embora as exportações tenham



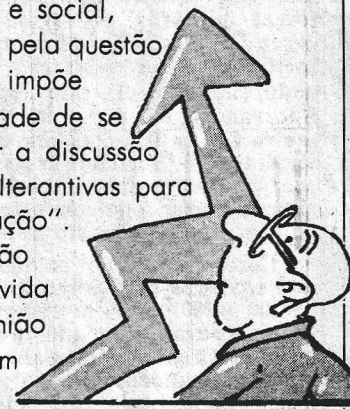
ajudado na recuperação da indústria paulista, o mercado interno continua em recessão, com queda tanto da massa real de salários (-5,4% em junho, em relação ao mesmo mês do ano passado) como no salário real médio (-4%) e no índice de emprego (-1,4%, também em junho). O Indicador de Nível de Atividade (INA), segundo a pesquisa da Fiesp, mostrou uma recuperação considerável em junho (4,2%), elevando o crescimento acumulado no primeiro semestre a 2,6%.

Francini, que também participou da Semana do Economista organizada pela Ordem e Sindicato dos Economistas de São Paulo, disse que essa recuperação espelha os nossos "superávits comerciais, que se deverão manter pelo menos até o fim do ano" e que a Fiesp continua preocupada com a



questão do mercado interno, do desemprego e da economia como um todo. Por sua vez, Bresser Pereira, do Banespa, acha que o País precisa crescer 6% em 1985. Para isso, diz ele, seria preciso mais oferta de moeda e uma desindexação parcial da economia, o que reduziria os juros e a inflação. Os entraves existentes para a retomada de crescimento também foram discutidos na primeira sessão de debates da Semana do Economista promovida pelo Conselho Regional de Economia. Luciano

Coutinho, presidente do Conselho, lembrou que "a perspectiva de mudança no quadro da política econômica e social, deflagrada pela questão sucessória, impõe a necessidade de se aprofundar a discussão sobre as alternativas para a recuperação". Uma questão a ser resolvida já, na opinião geral: o fim do 2.065.



Consenso: precisamos crescer.

Essa é, na opinião de especialistas, uma grande tarefa para o sucessor do presidente Figueiredo. Por **Sílvio Vieira**.

Como enfrentar a crise social na transição democrática?

Com este tema, foi desenvolvida na noite de ontem, na Cidade Universitária, a primeira sessão de debates da "Semana do Economista 1984", promovida pelo Conselho Regional de Economia de São Paulo.

Luciano Coutinho, presidente do Conselho, lembrou que "a perspectiva de mudança no quadro da política econômica e social, deflagrada pela questão sucessória, impõe aos brasileiros a responsabilidade de aprofundar a discussão sobre alternativas para a solução dos entraves existentes na retomada do crescimento".

O mediador da sessão de ontem foi o presidente do Dieese (Departamento Inter-sindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos), Walter Barelli, estando presentes, como debatedores, Maria da Conceição Tavares, Luiz Eulálio Vidigal, Roberto Macedo e Francisco Weffort.

Segundo Walter Barelli, "o tema desta primeira sessão é bastante sintomático. Os economistas iniciam uma semana debatendo temas não propriamente econômicos, como dívida externa, recessão, taxa de juros ou inflação. Está-se pensando na crise social e a opção pelo debate profundo do assunto se justifica plenamente não apenas em função das graves consequências sociais criadas pela crise econômica prolongada (que, só em São Paulo, gerou mais de 1,2 milhão de desempregados), mas também porque o momento da sucessão presidencial abre espaço importante para que todos os segmentos da população se manifestem sobre o que esperam do novo governo".

Para Barelli, "o principal problema do País é resolver a questão do desemprego e, mais, da própria sobrevivência do cidadão".

Sobre a questão sucessória, afirmou: "Nós somos paulistas e tivemos de viver sob a governança de Paulo Maluf. E, sinceramente, não sentimos saudades".

Maria da Conceição Tavares afirmou que "o mais difícil de tudo será mesmo compreender como conseguiremos en-

contrar a saída para a crise social, dentro do atual quadro político do País".

— Se chegarmos até a transição democrática, representada formalmente pelo novo modelo que está por chegar, com todas as forças democráticas e segmentos da sociedade representados, aí teremos chances de viver um importante pacto político, capaz de enfrentar a crise social. Mas se a transição democrática for feita sem o suporte daquelas forças, as coisas podem ficar muito difíceis.

Nesse sentido, Conceição Tavares salientou que "a questão política é decisiva para o País: a Aliança Democrática terá que se moldar mesmo, para evitar o radicalismo do candidato do PDS".

Contra Maluf

Luciano Coutinho advertiu que "houve uma nítida mudança do candidato Paulo Maluf, que vem tentando dar uma coloração mais reformista e mais nacionalista ao seu discurso, que até bem pouco era um discurso marcadamente conservador, e eu diria que até retrógrado, em vários pontos".

— Eu creio que isso é resultado, em grande parte, da percepção da assessoria de comunicação social do Maluf de que a imagem do ex-governador paulista estava tão



Macedo, Maria Conceição, Barelli, Weffort e Vidigal, no seminário do Conselho.



Rocca, Fonseca, Colasuonno, Joazeiro, Tamer e Kirsten, no seminário da Ordem.

SEMANA DO ECONOMISTA
ORDEN E SINDICATO DOS ECONOMISTAS DE SÃO PAULO
"OS DESAFIOS DA ECONOMIA NA TRANSIÇÃO POLÍTICO GOVERNAMENTAL"
13 A 17 DE AGOSTO DE 1984

apodrecida perante a opinião pública que seria necessário remaquiar-la por completo. Por isso mesmo, entendo que as propostas do Maluf não têm um mínimo de credibilidade, para levá-lo adiante em seu desejo de presidir o País.

Luciano Coutinho entende que, por outro lado, as propostas do governador Tancredo Neves, que não são novidades, já que fazem parte de sua longa prática política,

constituem um todo coerente capaz de dar credibilidade à opinião pública. Frisou que é preciso compreender que o País vive hoje um processo de coligação política, e união de forças, para vencer o continuísmo e talvez o perigo de retrocesso político, encarnado por Maluf, que é talvez o maior representante de tudo que de mau se produziu na história política desta República dos últimos 20 anos.

Saída para a crise

O presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Luiz Eulálio Vidigal, defendeu a redução do desemprego, através da adoção de uma política econômica que dedique mais ênfase a determinados setores da atividade econômica e que contribua para remover distorções que impedem hoje razoável funcionamento do mercado de trabalho:

— A definição de uma política de emprego deverá incluir medidas capazes de influenciar, de um lado, o crescimento e a composição da produção nacional, através de políticas setoriais. E, de outro, alterar os preços relativos dos fatores de produção, de forma a privilegiar o trabalho, ou impedir que este seja artificialmente penalizado.

Luiz Eulálio defendeu "a liberalização dos preços dos produtos agrícolas, para que o setor primário se sinta efetivamente estimulado. Também a expansão das exportações é um instrumento válido para a solução do problema do emprego, ainda mais se considerarmos os efeitos adicionais dessa estratégia, isto é, elevar o teto impeditivo de nosso desenvolvimento, através da quebra do constrangimento externo".

Para Luiz Eulálio, a substituição do atual sistema de incentivos fiscais pela política cambial pode contribuir para elevar o emprego.

É preciso também buscar o mais rapidamente possível o ajustamento do sistema de preços, corrigindo as distorções que elevam artificialmente o custo da utilização do fator trabalho.

Hoje, em Santo André.

A "Semana do Economista" prossegue hoje, com o debate "Desemprego e Viabilidade do Seguro-Desemprego no Brasil", quando estarão reunidos a partir das 20 horas, no Auditório da Faculdade de Economia e Ciências Administrativas da Fundação Santo André, os debatedores Francisco de Oliveira, José Paulo Chahad e Jorge Matoso, com mediação de Ailton Denari.

Amanhã, quarta-feira, no anfiteatro da Fundação Getúlio Vargas (Avenida Nove de Julho, nº 2.029), o tema "Alternativas na Negociação Externa e a Retomada do Crescimento Econômico" será debatido por Abílio Diniz, Adroaldo Moura da Silva, Hélio Jaguaribe, João Manoel Cardoso de Mello, com mediação de João Sayad.

Na quinta-feira, no auditório da Prefeitura Municipal de Osasco, o tema debatido será "Como Combater a Inflação em 1985?".

E na sexta-feira, sempre com início às 20 horas, no anfiteatro da Fundação Getúlio Vargas, Dilson Funaro, Luiz Gonzaga Beluzzo, Antonio Carlos Lemgruber, Luiz Carlos de Mendonça e Luciano Coutinho debaterão o tema: "Como Enfrentar os Impasses do Sistema Financeiro?".